

**ENCONTROS COM ROLAND BARTHES 1:  
VARIAÇÕES SOBRE A ESCRITA**

Regina Céli Alves da Silva (UniverCidade; UGF)  
[reginaceli2011@gmail.com](mailto:reginaceli2011@gmail.com)



BARTHES, Roland. *O prazer do texto* precedido de *Variações sobre a escrita*. Lisboa: Edições 70, 2009.

Em nota ao volume, o editor do texto afirma reproduzir nessa edição uma “ideia que o próprio Roland Barthes acalentou, mas não pôde concluir em vida”, qual seja a de apresentar os ensaios *Variações sobre a Escrita* e *O Prazer do Texto* juntos, por entendê-los como partes constituintes de um conjunto de estudos.

De fato, ao lermos os dois seguidamente constatamos que o segundo conforma-se como uma espécie de continuação do anterior (*Variações sobre a Escrita*). Como nos explica Carlo Ossola, no Prefácio a *Variações sobre a Escrita*, os ensaios foram escritos a pedido de Pietro Campilli, presidente do Istituto Accademico di Roma, em carta enviada a Barthes, em 1971.

Assim, em 1973, publicou-se *O Prazer do Texto*, mas o original datilografado de *Variações sobre a Escrita* se perdeu, sendo encontrado por Éric Marty e publicado, postumamente, nas *Obras Completas* de Barthes (tomo 2), em 1994.

Feitos esses esclarecimentos, passemos ao texto. Dividido em quatro momentos, o estudo é apresentado em pequenos fragmentos/verbetes acolhidos em blocos organizados em torno dos títulos: “Ilusões”, “Sistema”, “Desafio” e “Prazer”. Precedendo tal divisão, Roland Barthes declara o que entende por escrita e faz uma brevíssima exposição, cronologicamente situada, do que seria uma história da escrita.

Afirma, portanto, que, para ele, nesse momento de desenvolvimento do estudo, por volta de 1972, escrita significa um gesto do corpo, “ato muscular de escrever, de desenhar letras” (2009, p. 33), sendo, historicamente, “uma atividade contraditória” (2009, p. 34), com dupla postulação. Por um lado, ligada ao poder, à segregação, por outro, “uma práti-

ca de fruição, ligada às mais profundas pulsões do corpo e às produções mais sutis e às mais felizes da arte” (2009, p. 34).

A seguir, na resumida cronologia histórica, aponta 21 momentos fundamentais do que seria uma evolução da escrita, iniciando com os grafismos do período Mousteriano, por volta de 35.000 anos antes da nossa era, passando pelo primeiro alfabeto (fenício e consonântico), cerca de 1400 anos a. C. até chegar à invenção da máquina de escrever, em 1714, aperfeiçoada e colocada em pleno uso por volta de 1875.

A partir de então, Roland Barthes apresenta o primeiro bloco, Ilusões, e, em doze fragmentos/verbetes, também intitulados, indica quais seriam essas ilusões. Na sequência de títulos dos verbetes, encontramos: esconder, classificação, comunicação, contratempo, funções, índice, mutações, oral/escrito, origem, sujeito, saberes, transcrições. Obviamente, não vamos nos deter em cada um deles, apenas apontaremos o que, em nossa visão, deve ser sublinhado.

Assim, sob o título “Esconder”, o autor assinala que a “verdade do sistema escritural” seria sua ilegibilidade, na medida em que mais oculta do que mostra. E as razões para tal teriam um fundo religioso (evitar o contato com o profano) e um fundo social (proteção de segredos de classe). Seria uma “verdade negra da escrita” (2009, p. 40), que, durante muito tempo, separou os iniciados (minoría) dos outros (maioría), estabelecendo uma “marca de propriedade” e de “distinção” (2009, p. 40).

Em “Classificação”, afirma ser a escrita pensada como tardia à linguagem oral, sendo, portanto, classificada, pelos eruditos, segundo três articulações, escrita da frase, escrita da palavra e escrita dos sons. De acordo com essa classificação, acredita-se num movimento em progresso dominado pela razão. Eis, segundo Barthes, o mito cientista de uma escrita linear, informativa. Pois: “o mito da escrita” (2009, p. 55), existente entre os linguistas, imobiliza, fixa a linguagem articulada, fugitiva em sua essência, que esconde a ruptura social que se dá entre a palavra e sua escrita.

No segundo bloco, “Sistema”, composto por doze fragmentos (alfabetos, ilegível, invenção, letras, maiúscula, *mapping*, memória, fita, sistemático, tmese, tipologia), Roland Barthes considera a subtração como caráter forte de qualquer sistematização. Daí, no primeiro verbe/fragmento, “Alfabeto”, apontar que, em relação ao nosso, o alfabeto grego, por exemplo, evidencia-se um etnocentrismo, um verdadeiro “alfabeto-centrismo” (2009, p. 58), que exclui outras conformações.

Convida-nos Barthes, ainda nesse bloco de reflexões, a pensar a ilegibilidade da escrita como uma de suas características, e não como um defeito, pois as “escritas ilegíveis dizem-nos (e apenas isso) que há signos, mas nenhum sentido” (2009, p. 59). Sob a nomeação “*Mapping*”, distingue na linguagem seu caráter divisor da realidade, pois a “consciência da palavra é muito variável segundo as línguas” (2009, p. 62). A função memorial da língua é observada em “*Memória*”. E, já quase ao final do bloco, em “*Tmese*”, afirma ser a escrita uma fenda, que sulca e torna descontínua uma matéria plana (um suporte) onde se firma. Sendo, por isso mesmo, a descontinuidade uma condição inerente à escrita, ao seu aparecimento. Isso faz com que não seja guiada pela razão, mas por “cortes bizarros” (2009, p. 67) da mão e do olho.

No terceiro e penúltimo bloco, “*Desafio*”, dez são os tópicos abordados: astronomia, economia, “escrita”, máquina de escrever, poder, preço, profissão, assinatura, socialidade, taquigrafia. Nessa parte do estudo, Barthes aponta várias relações estabelecidas entre a escrita e outras manifestações, conferindo-lhe aquele tom de desafio, como, por exemplo, na ligação escrita/astronomia. “O sistema de signos do zodíaco é como um sumário das possibilidades estruturais da escrita, misturando as formas figurativas e as formas geométricas” (2009, p. 69). A ligação com a economia fica bem clara, por exemplo, quando cita que, no século XII, com a “escassez do pergaminho, a escrita comprime-se para ocupar menos espaço” (2009, p. 70-1). Quanto ao poder, lembra os privilégios (a escrita como propriedade de classe) e o controle exercido pelo Estado, buscando medidas de legalização da escrita.

Por fim, em *Prazer*, dezoito apontamentos nos conectam a esse prazer da escrita e do texto. São eles: cópia, corpo, cor, cursividade, *ductus*, infinito, inscrição, leitura, ligações, mão, matéria, parede, protocolos, ritmo, semiografia, suporte, vecção, vogal. Inicia lembrando o exercício da cópia muitas vezes exigido como castigo, mas também registra o prazer silencioso que poderia advir desse ato, do “deslizar da pena” (2009, p. 80) sem qualquer compromisso com o sentido. Barthes não perde de vista, assinalando-a, a relação da escrita com o corpo, e a diferença dessa relação entre Ocidente e Oriente. Em “*Vogal*”, conclui o bloco, contrapondo a escrita consonântica de outros povos à nossa: “A marca de nossa civilização é ser vocálica” (2009, p. 99). Um corpo ósseo, ruidoso, em contraposição a um corpo “carnudo, mucoso, líquido, o corpo musical” (2009, p. 99) do Ocidente. Inscrição do prazer.

No estudo que precede *Variações sobre a Escrita*, Carlo Cassiola

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

adverte para o fato atual que se dá na prática da escrita desenvolvida no suporte tecnológico (computador). Essa prática, hoje, contrariamente ao que dissera Barthes sobre sua irreversibilidade, é reversível, apagável e escrever tornou-se *enviar*. Seja como for, nesse ensaio, Barthes, mais uma vez, como em tudo que escreveu, desperta em seus leitores um olhar que se sente compelido a observar e compreender os tópicos em discussão de forma peculiar, inusitada, lançando-se numa aventura na qual o prazer com certeza se inscreve.